

raios contra os padres inofensivos tentados pela nobre quimera do modernismo, que fez contra esses príncipes, contra esses chefes criminosos, cuja desmedida ambição desencadeou sobre a Terra a miséria e a morte...

... Quanto a vós, socialistas, que pretendeis, cada um de vós, defender a liberdade contra a tirania—franceses contra o kaiser—alemães contra o tsar—trata-se de defender um despotismo contra outro despotismo? Combatei os ambos, e jantai-vos!

Entre os nossos povos do Ocidente, nenhuma razão de guerra havia. Apesar do que repete uma imprensa envenenada por uma minoria interessada em manter esses ódios, irmãos de França, irmãos de Inglaterra, irmãos de Alemanha, nós não nos odiamos. Conheço-vos, conhecemo-nos. Os nossos povos só pediam paz e liberdade. O trágico do combate para quem estivesse colocado no centro da peleja e pudesse mergulhar a vista das altas chãs suíças em todos os campos inimigos, é que cada um dos povos está na verdade ameaçado em seus bens mais queridos, na sua independência, na sua honra e no seu nome. Mas quem lançou sobre eles esses flagelos? Quem os levou a essa necessidade desesperada de esmagar o adversário ou morrer? Quem, senão os seus Estados, isto é (a meu ver), os três grandes culpados, as três águias rapaces, os três impérios, a tortuosa política da casa de Austria, o tsarismo devorador, e a Prússia brutal? O pior inimigo não está fora das fronteiras: está em cada nação; e nenhuma tem a coragem de o combater.

A nova idolatria

Bertoni, em *Le Réveil*, mostra de modo palpável os tristes efeitos da idolatria legalista e estatista. «O Estado o quer!» é muito mais terrível do que o velho «Deus o quer!». Desde que um acto foi executado por ordem do Estado, seja embora a pior das infâmias, não só não pôde ser censurado, mas é um dever, o mais alto dos deveres.

Vandervelde, por exemplo, acha que os socialistas alemães «cumpriram o seu dever, todo o seu dever, mais do que o seu dever». E o socialista Vandervelde é ministro da Bélgica invadida! O dever de que ele fala é para com o Estado, não para com o socialismo e para com o proletariado internacional! Tudo o que a social-democracia alemã podia fazer limitou-se ao gesto legal, parlamentar, submisso de meia dúzia de indivíduos!

Outro exemplo. Os social-democratas, mesmo os radicais, como Liebknecht, aconselharam aos operários belgas a volta ao trabalho e a obediência aos novos actos legais, considerando a conquista da Bélgica com um facto legal consumado, e censuraram-lhes severamente os actos de hostilidade de paisanos, de irregulares! E' permitido defender o Estado, mas não a família, os bens, o lar! E' legítimo matar, mas de farda, ás ordens do Estado, com chancela oficial!

Que horrível mentalidade! Urge, conclui Bertoni, guerrear sem tréguas a infame idolatria estatista.

«A Escola Moderna»

Comunica-nos o grupo editor deste quinzenário que se publica em Aveiro, que o número 4 foi apreendido pelas autoridades locais, ao serviço da cordealidade triunfante.

Não há dúvida que esse gesto magnânimo dos caciques da ordem, atesta, e muito bem, os sentimentos de liberdade e igualdade que animam as criaturas arvoradas em donos de tudo isto, e prova, além disso, o quanto é respeitada em Portugal a livre expressão do pensamento!

Querem-nos mais claros e mais categóricos? Ou se diz *amen* ou se corre o risco de ir malhar com os ossos na cadeia, no caso de se apreciarem desfavoravelmente os actos atribuídos dos governantes.

Mas até quando durará este intolerável estado de coisas?

A campanha do odio

Um dos aspectos mais curiosos e interessantes da chacina humana que ora tala nos campos do velho continente europeu, é o que se relaciona com tudo o que seja alemão como que se a origem fosse quem provocou a conflagração. Outro dia era o cidadão Saint-Saëns a reduzir á expressão mais simples a música vagneriana; depois, dissimuladas por todos os países, surgiram as ligas de propaganda anti-germânica; em seguida apareceram em alguns países impostos pesadíssimos a tributar as mercadorias alemãs; mais tarde, a *desvirtuar* a potência destruidora dos *tais de 42*, anunciou-se uma poderosa ceifeira de florestas inventada pelos armeiros ingleses; e, a destruir os *zepelins*, os russos anunciaram uma máquina aérea pouco menos que infernal. Esta campanha de odio a tudo que cheira a tedesco, a margrave ou a burgrave encontra facilmente o apoio de quem não estuda as consequências funestas que dela resultam, não só para o povo alemão, mas também para os outros povos que tinham relações com ele, e redundará absurdo responsabilizar velhos, mulheres e crianças pelos desvarios de criminosos já, infelizmente, célebres. Afóra o odio que os morteiros de 420, e outros equiparados, provocam, a campanha, a nosso individual modo de ver, é injusta.

Não nutrimos a mínima predilecção pela Alemanha em guerra, país cuja cultura, dizia-se antes da guerra, marchava á vanguarda da civilização e do progresso humano e que caiu esfarrapada, desfeita, em ruínas, com as primeiras machadadas aplicadas nas trincheiras ao calcar o solo belga; mas igualmente nos não irmanamos com os que combatem a Alemanha por tudo, em tudo e com tudo. Não. Não somos desse numero.

Actualmente atravessamos uma crise talvez sem precedente na historia dos povos; uma crise mundial que assestou as suas baterias dum ao outro extremo do Cosmos; uma crise económica que semeia a fome em todos os cantos onde ha um lar a acender, onde existe uma criança a pedir pão. Seria, pois, lógico e humanitário que todos esses ilustres homens do «saber humano» se congregassem e se esforçassem para minorar a situação desgraçada e atribulada dos seus compatriotas que nunca manusearam um masso de notas de banco, que jamais souberam ou roubaram o valor de um titulo da «dívida publica» Mas não sucede assim; o contrário é que se dá.

As mercadorias alemãs escacçam já pelas circunstancias imperiosas do momento, e muito mais escacas se tornam com as ligas anti-germanicas de propaganda contra os produtos alemães.

O resultado é manifesto. Aumento debráço, deminuição de encomendas, paralisação de fabricas, paragem forçada de officinas, exportação e importação quase nulas, eis o resultado da campanha do odio.

A escacém e a falta de concorrência implicam uma alta sensível nos produtos importados pela Alemanha, e, por fim, o que sempre succede: a fome! Quem lhe sofre as agruras, não é, indiscutivelmente, nenhum dos provocadores da actual hecatombe Quem passa fome, quem lhe sente os rigores, são os desgraçados que não tem de seu um beiral de telhado para se resguardarem das inclemencias do tempo; são os deserdados, os oprimidos que imbuidos de falsos proconceitos, fazem uma guerra mil vezes maldita em beneficio da burguesia cujo carro inglorio arasta através da existencia. Isto, porém não succede simplesmente na Alemanha: o mal ressentem-se em todos os países.

Fechados os mercados aos produtos alemães, a falta de concorrência eleva o preço dos produtos nacionais e de outros países; fechados os postos germânicos á exportação, multiplicam-se os produtos, fecham fabricas e officinas, aumenta o numero dos sem trabalho.

Resultado? A fome provocada por uma crise medonha, acicitada pela ambição gananciosa dos donos dos mercados mundiais, agui-

lhada pela soberba de meia dúzia de felizes. O resto melhor que ninguém, expõe-no Jaime Queraltos Roz em duas notáveis conferencias: a tuberculose exercendo a missão suprema de devastar a juventude de todos os países!

Até aqui estudamos apenas um lado da questão, que é, também, o que nos interessa: o ponto de vista económico. Atraz, porém, daquela campanha de odio, anda uma outra nem menos desenfreada nem menos potente, nem menos incoerente: a compaña da simpatia. Mais do que isso: andam enoveladas uma na outra.

Quando da destruição de Lovânia e de Malines, de Reims e de Notre Dame, falcaram nos domínios da arte, anátemas curiscantes contra a tão apregoadá cultura alemã—que, afinal, no dizer de sábios ilustres, não passava da barbarie rudimentar dos nossos avós primatos; e diversos alvitres se aventaram para beneficiar a Biblioteca da primeira cidade destruída, qual dèles melhor posto e mais carinhosamente defendido. Mas a rajada catastrófica passou, e, como sempre succedeu lhe a bonança. A aurora do odio raio alimentada pelos falsos convencionalismos da fementida civilização burguesa. Responsabilizou-se um povo pelo delito de uma alcaeteia de bandidos que se acocita em Berlim á roda do «docto furioso», servida por um bando de assassinos capitaneados pelo «caquetico enforcador» de Viena.

E' justa a campanha do odio, encarados os factos tal qual eles são? Não é.

E' justa a campanha de simpatia pelas obras de arte existentes nos museus alemães e que devem ficar pretencendo á Belgica, quando da assinatura da paz? Também não é.

As obras de arte existentes nos museus pertencem aos povos, são os seus livros históricos melhor escritos, são as fontes enriquecíveis onde se aprende a conhecer as civilizações passadas, são o patrimonio espiritual dos povos.

E depois a belicosa Alemanha, animalizada como está devido á guerra, estimará mais que lhe dêvem as obras de arte do que as forjas da casa Krupp.

Gulphares, 1914.

GIORDANO BRUNO

Palavras de Bakunine

A tendência do Estado

Quem é tam cego que não veja que os Estados tendem de futuro a não ser mais do que a constituição política de imensas explorações financeiras, garantidas e defendidas por um enorme desdobramento de forças militares? Eis a realidade, não passando tudo o mais, já o disse, de enfeite e aparências. Mas, assim como a exploração financeira, incapaz, apesar de todos os seus esforços, de se concentrar na Europa a ponto de formar apenas uma companhia única, tende a organizar-se ao menos num pequeníssimo numero de grupos mais ou menos independentes uns dos outros; assim também o Estado moderno, que a representa no exterior, abandonando a idea historicamente condenada duma monarquia universal, tende para a constituição dum pequeno numero de ditaduras militares imensas, cada uma das quais representaria e exploraria, em proveito da sua companhia financeira e pseudo-nacional, uma das quatro ou cinco raças principais da Europa. E assim teríamos um Estado latino, um Estado germânico, um Estado anglo-saxão, um Estado escandinavo (se não o comerem os alemães, dotados de bom apetite), decerto um Estado panellástico e talvez um Estado grego também. Esta formação de ditaduras militares imensas é evidentemente a última palavra, a última fase lógica do principio histórico do Estado.

A solução libertária

Deixai ás colectividades diversas, ás associações, ás comunas, a sua autonomia completa. Que se

federem livremente, segundo as suas atrações naturais, os seus interesses e necessidades; e vereis que cairão de per si todas essas questões de línguas, raças, tradições, costumes, que parece dividirem sempre os homens. Abandonando qualquer idea de domínio, livres de qualquer temor de se verem dominadas por umas com as outras para organizar a sua existencia económica, o seu trabalho, a troca dos seus produtos, as suas vias de comunicação, a instrução pública e em caso de necessidade a sua defesa; e deixando-se invencivelmente arrastar e dirigir pela lei omnipotente da solidariedade humana... as associações e as comunas, após uma época mais ou menos longa e mais ou menos penosa de transição, lutas e hesitações, acabarão por se equilibrar, não conformemente a leis arbitrárias e abstractas, impostas da ci-

ma, mas conformemente ao ser real de cada uma, ás necessidades e forças vivas de cada uma... e elas darão as mãos para organizar conjuntamente uma federação fundada largamente sobre o trabalho de todos e sobre o respeito do direito humano. E nessa sociedade nova, a prática da justiça humana será tam natural como o é a da iniquidade hoje.

MIGUEL BAKUNINE.

CONFERENCIA

E' hoje, que pelas 9 horas, es realiza na redacção deste jornal a anunciada conferencia por um antigo camarada.

Espera-se que esta conferencia seja bastante concorrida, pois que ha grande interesse em o escutar.

Aos que ainda não compreenderam

O meu ultimo artigo intitulado: *Respostas ás monstruosidades*, publicado ha dias, não teve a honra de agradar a toda a gente.

Alguns amigos me tem perguntado se eu não tinha creceio de defender as minhas ideas num jornal tá pouco recomendavel (sic) como a *B. S.*, um jornal em que, parece, os redactores tinham todos voltado a casaca.

Tenho sorrido ao ouvir estas pequenas gentilezas, dirigidas a homens que tem a tam delicada missão de fazer um jornal.

Mas o que mais me impressionou foi a carta dum amigo intimo, afastado de Paris por um certo tempo.

Ele também leu o meu artigo e eis, em resumo, o que ele me diz:

«Acabo de ler com estupefacção a *Bataille Syndicaliste* de ontem, domingo, 18. O que me surpreendeu, foi o ultimo artigo da segunda pagina, ou antes a assinatura. Terás tu um homónimo? Se é assim, previne-me; ficaria satisfeito em sabê-lo. Recusome, por enquanto, a crêr que essa prosa emane de ti, sobretudo pensando no que tu me escrevias, a 6, sentimentos que eu perilhava inteiramente.»

Oh! não, caro amigo! Eu não tenho um homónimo. O autor des, se artigo sou eu, o ex-pensionista da Petite-Roquette e da Santé, e se, a 6, tu te escrevia duma forma diferente da de hoje, era porque não tinha reflectido bastante sobre os acontecimentos.

Eu sei. Como muitos outros, estás desgostoso com a guerra, e querias que ela acabasse breve, secando assim os choros, as lagrimas das mães, das esposas, dos irmãos e das irmãs. E' inteiramente o meu desejo, o nosso desejo, deverei antes dizer.

Simplemente não está na nossa mão conseguilo e, ha pouco mais ou menos dois mezes, quando tu me dizias que os sindicatos e organizações revolucionárias deveriam iniciar uma campanha a favor da paz, parece impossivel que não reparasses que isso não era possivel, e que uma campanha desse genero teria sido mal acolhida pelos três-quartos da população francesa, para não dizer por toda.

Tu desejarias — como muitos outros — que a Revolução social fizesse ouvir os seus rugidos nos primeiros dias da mobilização. Simplemente, como muitos outros, tu nunca pensaste no que fariam em semelhante caso os socialistas d'além-Réno. Estes últimos, quaisquer que fossem as circunstancias, estavam decididos a marchar... atraz do seu kaiser e de seu digno filho, o kronprinz.

Teria sido bonito! Paris, entregue a esse bando de selvagens. Os prussianos, vendo a discórdia reinar no nosso país, não teriam hesitado em pôr Paris a ferro e sangue, em aterrorisar as mulheres e as crianças, entregando-se a actos reveladores da barbarie a mais cruel que possa conceber-se.

E imaginas que um movimento insurreccional poderia durar muito tempo! O resto da população, que não tem as nossas ideas, tomar-nos-ia por traidores, por espíóes e lançar-se-ia contra nós.

O governo meteria também a mão na massa executando-nos sumariamente e sem remissão.

Nós estaríamos muito avançados, a esta hora!...

A esta hora gemeríamos sob a bota dos Hohenzollern e dos Junkers e, creio eu, essa bota é um pouco mais dura que a da Mariana. (1)

E depois, entre dois males, é preciso escolher o menor, quando não se pode fazer outra coisa!

Sofrámos pois os caprichos da Mariana antes que inclinarmos-nos sob o veto da águia prussiana, desembaraçando-nos da primeira, assim que fôrmos bastante fortes para instaurar um regime social mais equitativo.

Tens-me dito muitas vezes que depois da guerra a corrente revolucionária teria dificuldade em restabelecer-se e que não encontraríamos mais adeptos.

Erro, erro profundo, meu caro amigo.

A nossa conduta destes últimos tempos tem-nos dado a estima, a simpatia de todos os neófitos que, antes do drama, não hesitavam em caluniar-nos, em arremessar-nos pedras e em tomar-nos quase por agentes de Guilherme II.

Pelo contrário, tu verás, que depois desta hecatombe, como nós ganhámos terreno!

Os nossos sindicatos, as nossas organizações terão efectivos colossais.

Tens-me também comunicado as tuas inquirições sobre o motivo dum «avanço do partido do sabre e do hissope.»

Julgas racionalmente que deixaríamos fazê-lo sem protestar?

Não teria eu razão — no meu artigo — em reservar o melhor dos meus golpes para todos os clericais, para todos esses defensores do trono e do altar, que sonham, — depois da guerra — não no desarmamento universal, mas, ao contrário, no reforço do «nosso exército?»

Como é que, na hora actual, podes recusar-te a pensar que um republicano sincero — ainda os ha — partidário do desarmamento depois da matança é, apesar de tudo, mais útil que o rato de sacristia que não sonha senão calamidades?

Não achas que será melhor aliarmo-nos com os pacifistas — depois desta guerra atroz — para exigir o desarmamento, que confinar-mos estreitamente, estupidamente, em fórmulas que por si só não se encarregarão de libertar-nos do jugo militar?

Visto que somos impotentes — neste momento pelo menos — de fazer o quer que seja para o advento duma sociedade melhor, não poderemos nós usar um pouco desses bons metodosinhos reformistas, que, sem terem o ar de o serem, são mais eficazes que qualquer belo discurso de reunião pública?

Eu receio, meu caro amigo, que tu não me comprendas, que tu não nos comprendas!

Eu presumo que já me tomas por um polichinelo, um boneco, que se move por cordelinhos.

Eu seria um boneco, um *quidnunc* se, constataado a nossa impotencia para tentar qualquer coisa neste período perturbado, eu proclamasse que a revolução social é coisa hoje possivel.

(De *La Bataille Syndicaliste*, 11-1914)

LUCIEN LEAUTE

(1) A republica francesa.